

# Popularidade de Putin sobe mesmo com sanções e guerra

## munido guerra na ucrânia



Idoso caminha ao lado de casa e tanque russo destruídos em Slobozhanske, perto de Chernihiv. Marco Djurica/Reuters

# Apoio a Putin aumenta em meio a resistência a sanções

Economia russa vive estabilidade enquanto Ocidente prepara mais punições

Igor Gielow

**SÃO PAULO** Em um conflito em que a guerra de narrativas é tão acirrada quanto a que se desenrola no solo da Ucrânia, as novas sanções preparadas pelo Ocidente para punir Vladimir Putin por sua guerra contra o vizinho serão vendidas como mais um golpe asiático no Kremlin. Na visão de muitos analistas e políticos ocidentais, o desconforto que as sanções geram é um passaporte para que a elite local, ou a classe média nas ruas, derrube Putin, no poder desde 1999.

Até aqui, esperam. A Rússia sofre sanções desde 2012. De acordo com a plataforma americana de dados Cas-tellum.AI, havia 2.754 ações até a guerra; depois dela, mais 5.314 específicas sobre o conflito. Por ora, resiste com relativo sucesso ao tsunami.

Isso, somado ao controle do discurso público imposto por Putin à mídia sobre a guerra, parece estar por trás do apoio que o líder angariou.

Segundo o centro independente Levada, a aprovação de Putin saltou de 71% em fevereiro para 83% na pesquisa feita de 24 a 30 de março com 1.600 entrevistados em 57 regiões, margem de erro de dois pontos para mais ou menos. Trata-se do maior índice da carreira de Putin, empatando com o que angariou após anexar a Crimeia, em março de 2014. Não há, no entanto, de acordo com os moscovitas que pedem anonimato, um clima de euforia como naquela ocasião.

Se o apoio tem a ver com os 15 anos de cadeia a que estão sujeitos os que o Kremlin considera espalhadores de mentiras sobre o conflito, é algo provável, mas não afevível. Já o fator econômico é claro.

Para começar, contrariando expectativas, o país não deu calote em títulos, mesmo com cerca de 60% de suas reservas de US\$ 640 bilhões congeladas fora do país, na mais dura sanção até aqui. Novas punições sugeridas do Ocidente, algumas com anúncio prometido para esta quarta (6), podem estar isso avoavetar pagamentos em bancos americanos.

Governo e empresas se- guem pagando seus credores. É verdade que Putin quer obrigá-los a receber em rublo, para valorizar artificialmente a moeda, e decidiu fazer o mesmo com importadores de seu maior tesouro, gás e petróleo. A disputa ainda está em curso.

O câmbio do rublo voltou a níveis semelhantes do pré-guerra (cerca de 81 por US\$ 1), depois de um tombo de 30% no valor da moeda que lembrou os piores momentos do desastre de 1998 e da recessão de 2015-16.

Isso se deve também ao fato de que Putin praticamente amarrrou a cadeia a presidente do Banco Central, Elvira Nabalina, e da sua carteira de juramento: subiu os juros básicos de 9,5% ao ano para 20%, manobra que brasileiros censuraram de ver nos anos iniciais do real para segurar a inflação e atrair capital.

### EU e aliados farão míssil hipersônico contra Rússia e China

Atrás de Rússia e China no campo dos mísseis hipersônicos, os EUA anunciaram com os aliados militares Reino Unido e Austrália que desenvolverão uma dessas armas, consideradas vitais nas guerras do futuro. Trata-se da segunda iniciativa militar concreta anunciada pelo chamado pacto Aukus, anunciado para a surpresa de adversários e aliados da Otan, a aliança militar ocidental, em setembro do ano passado. A primeira foi a promessa de equipar a Austrália com submarinos de propulsão nuclear. O anúncio é direcionado à China e à Rússia, que testou pela primeira vez em combate um míssil hipersônico na guerra da Ucrânia. Os chineses reagiram nesta terça. Seu embaixador na ONU, Zhang Jun, disse que a medida pode alimentar "crises como a da Ucrânia em outras partes do mundo".

Para moradores de Moscou com quem a Folha conversou, faltam alguns bens de consumo ocidentais, mas isso é uma situação que não parece assustar tanto, até por ter ocorrido em 2021. O susto da saída de empresas e marcas estrangeiras, além do fim de serviços como o Apple Pay e a emissão de cartões de crédito internacionais, pareceram ter sido algo já absorvido.

O mesmo não se pode dizer sobre o setor aéreo, que vê empresas reduzindo frota para poder capitalizar partes de aviões ocidentais ora sem assistência. Para um país cuja classe média acostumou-se a viajar ao exterior, o isolamento também traz um choque.

Segundo o monitor do humor de consumo do banco Sberbank, o maior do país, a confiança dos russos em ir às compras segue inalterada, e os preços, apenas 5% acima do período anterior à guerra.

Em artigo no jornal Kommersant, Ivan Timofeev, diretor de programas do Clube Valdai, centro de debates aliado ao Kremlin, afirmou que as sanções estão unindo os russos em torno do governo, pois são percebidas como discriminatórias.

Do outro lado da trincheira ideológica, concorda com ele o jornalista independente Farida Rustamova, que escreveu uma reportagem em seu blog relatando conversas com membros da elite. Há fastio acerca da guerra, mas eles estão fechados com Putin.

A Bolsa de Valores foi manietada, com restrições de operação, e a queda inicial de também 30% dos valores das principais ações, estabilizada. A corrida aos bancos arrefoeu. A revista britânica The Economist disse que o começo da crise já voltaram às contas correntes. A economia, afirmou a bíblia liberal com claro contragosto, "está melhor do que você imagina".

Há explicações mais básicas. Primeiro, a Europa não aderiu a um veto total à compra de hidrocarbonetos russos, em especial pela dependência que o presidente alemão disse ter sido um erro histórico.

E há a aliada China e outros países que ignoram as sanções, como o Brasil. No setor energético, segundo a agência ligada à ONU Centro Internacional de Comércio, Pequim compra 21% do que Moscou vende, liderando o top 10 do ranking, que tem outros aliados ocidentais que não puniram Putin, como Coreia do Sul (destino de 6% das importações de gás, petróleo e derivados) e membro da Otan Turquia (3%). O resto do mundo, que poupa o Kremlin, responde por 3% das receitas.

As vendas de ferro e aço vão na mesma linha: os dois maiores compradores da Rússia por setor, em % são a China (14%) e o México (9%). Apenas 19% iam para países que ora não aceitam o produto russo. Já quando o tema é produtos de tecnologia, a China responde por 53% do mercado externo de Moscou e apenas 1% ia para destinos agora fechados.

A situação, claro, acompanha o ritmo estagnado da campanha militar de Putin, que queria derrubar o governo em Kiev em uma semana, mas fracassou. O conflito mais prolongado colocará à prova a popularidade do russo.

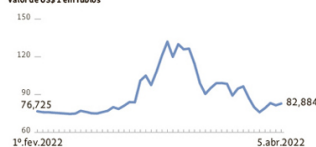
O Levada questionou os russos acerca de sua visão do conflito, e o resultado emula o dos institutos estatais: 53% dizem ser muito a favor das ações, e 28% a favor. Apenas 8% afirmam ser algo contrário, e 6%, muito críticos. São números a serem tomados com cautela. Analistas dizem que dificilmente alguém daria uma declaração contra o conflito a um desconhecido. A guerra é acompanhada com interesse por 64%.

O número a preocupar o Kremlin é outro: 67% estão preocupados com os efeitos das sanções sobre suas vidas, 21 pontos a mais do que em dezembro. Para um terço, as medidas já são sentidas. Ainda que mais de 70% achem que a culpa pela guerra é do Ocidente, a resultante dessa disputa ainda está por ser conhecida. Além de não ter evitado um míssil de cair na Ucrânia, as sanções não foram tão apocalípticas quanto gostariam EUA e companhia.

### Veja o impacto das sanções contra a Rússia

Rublo se recupera

Valor de US\$ 1 em rublos



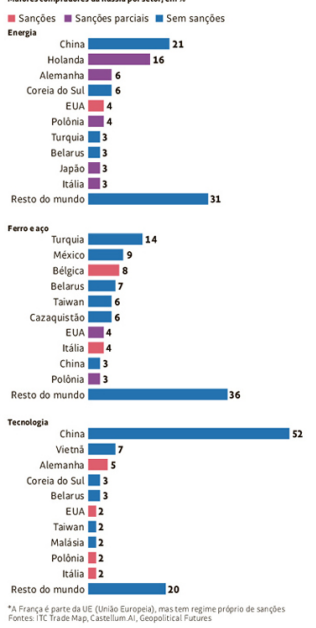
### Ocidente e aliados fazem sanções

Setores com restrições de importação

País	Número de sanções	Setores afetados
Reino Unido	875	Energia e tecnologia
Suica	869	Metais e tecnologia
EUA	724	Energia e tecnologia
UE	705	Metais e tecnologia
França	696	Metais e tecnologia*
Canadá	686	Energia e tecnologia
Austrália	562	Energia
Japão	194	Tecnologia

Mas os setores não dependem tanto dos rivais

Maiores compradores da Rússia por setor, em %



\*A França é parte da UE (União Europeia), mas tem regime próprio de sanções. Fontes: TIC TradeMap, Castellum.AI, Geopolitical Futures

**Veículo:** Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

**Seção:** Mundo **Caderno:** A **Página:** 10